

A black and white close-up photograph of an older woman with curly hair, smiling gently. She is resting her chin on her hand, which is supported by her forearm. She is wearing a light-colored button-down shirt. The background is dark and out of focus.

Entrevista CARLA MADEIRA

Escritora

Entrevistadoras:

Lais Barreto

Gabriella Murici

Gabriela Alkmin



Revista do CAAP



ENTREVISTA COM CARLA MADEIRA

Lais Barreto Barbosa¹

Gabriella Sepúlveda Murici²

Gabriela Alkmin³

Apresentação

Natural de Belo Horizonte (MG), Carla Madeira nasceu em 18 de outubro de 1964. Iniciou o curso de Matemática na UFMG, mas optou por se graduar em Jornalismo e Publicidade na mesma instituição, onde também viria a atuar como Professora de redação publicitária. Foi sócia e diretora de criação da agência de comunicação Lápis Raro, sediada na capital mineira. Lançou seu primeiro romance, *Tudo é Rio*, em 2014 — obra concebida a partir de um texto escrito 14 anos antes, que a paralisou emocionalmente até ser retomado com intensidade. O livro alcançou grande sucesso editorial, sendo reeditado em 2021 pela Editora Record, figurando entre os mais vendidos no país e convertendo Carla na segunda escritora mais lida do Brasil naquele ano. Em 2024, *Tudo é Rio* foi laureado com o Prêmio Melhor Livro do Ano de Autores Lusófonos, conferido pela livraria Bertrand, de Portugal. Seus romances seguintes, *A Natureza da Mordida* (2018) e *Véspera* (2021), consolidaram seu lugar como uma das vozes mais expressivas da literatura brasileira contemporânea. Nesta conversa exclusiva com a Revista do CAAP, Carla reflete sobre sua trajetória, o processo criativo e o diálogo profundo que estabelece com seus leitores.

¹ Mestranda em Direito Político na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Editora-Chefe da Revista do CAAP. Pós-graduada (*lato sensu*) em Direito Constitucional pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG). Graduada em Direito pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG/Diamantina). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3799-8113>. E-mail: laisbarretob8@gmail.com.

² Graduanda em Direito pela UFMG. Editora-Adjunta da Revista do CAAP. Estagiária na 2ª Vara Cível da Justiça Federal de 1º grau em Minas Gerais (TRF6). Participa de atividades acadêmicas voltadas à pesquisa, extensão e formação complementar, com experiência em monitoria e projetos institucionais. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-4170-4644>. E-mail: gabriella.murici@gmail.com.

³ Doutoranda em Direito na UFMG, com período de pesquisa nas Universidades Paris 8 e Paris Nanterre, pelo Programa de Doutorado-Sanduíche no Exterior, e na Universidad Nacional de Córdoba, pelo Programa Escala Posgrado. Mestra e bacharela em Direito pela UFMG. Extensionista de pós-graduação do Diverso UFMG - Núcleo Jurídico de Diversidade Sexual e de Gênero. Membro do Corpo Editorial da Revista do CAAP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2373-8732>. E-mail: gabiialkmin@gmail.com.

1. Ao mergulharmos em seus livros, percebemos uma imersão intensa na construção das personagens e uma entrega evidente na escrita. Em entrevistas, você já comentou que escrever é uma maneira de lidar com o real. De onde surgiu a sua vontade de escrever e como, na prática, nasce a primeira semente de uma história — de uma imagem, de uma frase, de uma experiência vivida ou de pura ficção?

R. É sempre difícil precisar de onde nasce o desejo de escrever. Para mim, tem muito a ver com um jeito de estar no mundo. Desde muito pequena, eu me envovia com linguagens artísticas: ganhei um violão cedo, comecei a compor, a pintar e a escrever. Qualquer tempo livre era dedicado a alguma forma de criação, porque isso me dava alegria e me movia.

Houve um momento em que acreditei que seria cantora, até ir estudar matemática. E foi justamente ali que percebi a falta que a arte me fazia. Comecei a perder o interesse por algo que eu adorava, porque me afastava desse lugar criativo que sempre me sustentou. A escrita, assim como a música ou a pintura, sempre foi um modo de viver e de me relacionar com o real.

Meus primeiros textos nasceram muito do impacto da leitura, especialmente das obras de Monteiro Lobato, que li ainda criança. E, com a literatura propriamente dita, tudo aconteceu mais tarde. Eu publiquei meu primeiro livro aos 50 anos, sem nenhuma intenção inicial de produzir um livro. Eu só queria me divertir com um texto. Mas fui fisgada pelo que escrevi, e também assustada. A história me paralisou por 14 anos, porque emergiu, ali, algo muito forte e difícil de compreender naquele momento.

Hoje, olhando em retrospecto, reconheço que aquela primeira narrativa tocava em temas que atravessaram minha vida. Minha mãe passou por depressão pós-parto, cresci ouvindo histórias de violência doméstica na família. Não faço autoficção, mas acredito que tudo o que nos afeta, seja pelo que tivemos ou pelo que nos faltou, acaba encontrando algum caminho na escrita. Às vezes escrevemos sobre um cachorrinho porque tivemos um; ou porque desejamos ter e isso nunca aconteceu.

A primeira semente de uma história nasce desse lugar do afeto. É algo que toca, desorganiza ou assombra de algum modo. A escrita acaba sendo uma forma de investigar, mesmo de maneira inconsciente, esse real que nos impacta.

2. A literatura, especialmente a sua, muitas vezes aborda emoções complexas e difíceis. Como você lida pessoalmente com o processo de revisitar essas emoções na hora de escrever?

R. Eu não escrevo a partir de um tema pré-definido. Nunca começo pensando que vou tratar de violência, rejeição ou abuso. As histórias não nascem de uma pauta, mas do próprio ato de escrever. Muitas vezes tudo começa com um acontecimento que me coloca em estado de escuta. Eu me pergunto o que veio antes, o que vai acontecer depois, como se chega ou se sai daquela situação. E é esse acontecimento que vai se transformando até revelar o que realmente importa na narrativa.

Em “Tudo é rio”, por exemplo, eu escrevi muita coisa antes de chegar ao início que existe hoje. A história de Lucy surgiu quase como uma tentativa de me afastar de outra narrativa que estava escrevendo. Eu não sabia nada sobre ela, apenas que era uma

mulher indomável. Só depois percebi que o verdadeiro acontecimento não era Lucy, mas Venâncio. Por que um homem que busca o gozo o recusa? O que aconteceu com ele para carregar tanta tristeza? Quando entendi que o núcleo era o ato violento que o destruiu, encontrei a espinha dorsal da história.

Chegar a esse acontecimento foi tão forte que me paralisou por 14 anos. A história ficou comigo, voltava de vez em quando, até que eu tivesse maturidade emocional para lidar com aquilo. Anos depois, já mãe, já outra mulher, consegui voltar ao livro e escrevê-lo em oito meses. Ao retomar, eliminei tudo o que vinha antes e comecei exatamente no ponto de maior tensão. É por isso que o livro já se abre nesse lugar tão intenso.

Cada livro tem um processo diferente. Em alguns momentos, o acontecimento é central, em outros a linguagem é o que me move. Eu também vou mudando como autora. Mas sempre existe esse instante em que me sinto completamente envolvida, presente e potente. É esse encontro com a escrita que eu persigo.

3. Você pode nos contar um pouco mais sobre seu processo de escrita? Como conciliar a escrita criativa com outros trabalhos?

R. Eu sempre consegui conciliar a escrita com o trabalho porque, para mim, escrever não é exatamente trabalho. É o momento em que eu me divirto, me restauro e me sinto viva. Durante muitos anos, enquanto dirigia a agência Lápis Raro, a escrita era esse espaço de respiro. E, agora, que vendi a empresa há pouco tempo, vou ter ainda mais tempo para me dedicar a isso, embora ainda esteja num período de transição.

Os três primeiros livros foram escritos enquanto eu trabalhava intensamente. “Véspera”, por exemplo, estava em andamento quando a pandemia começou, e aquele foi um dos períodos mais desafiadores da minha vida profissional. De repente, tudo mudou: o trabalho remoto, a insegurança com os clientes, o caos geral. E, além disso, eu perdi meus rituais. Antes eu saía da agência, chegava em casa, tomava banho, trocava de computador, colocava os filhos para dormir e só então me sentava para escrever. Era uma passagem de um mundo para outro. Na pandemia, tudo virou uma coisa só: a mesma casa, o mesmo computador, a mesma roupa, tudo misturado com tarefas domésticas e o livro pulsando ali no meio, num ponto em que já não dava mais para parar.

Mesmo assim, eu escrevi muito. Porque era o momento de viver, de me entregar a algo que me revigorava, que me devolvia energia e potência. É uma onda diferente, embora também haja sofrimento. Eu nunca vi o trabalho como um lugar de dor, mas ele tem seus desafios, como qualquer coisa na vida. A escrita também tem. É um processo cheio de altos e baixos, de momentos em que sinto que está ótimo e outros em que penso que está tudo horrível e me pergunto por que estou fazendo aquilo. Vou transitando por essas emoções enquanto escrevo.

4. Suas obras têm em comum uma abordagem crua e multifacetada da maternidade, com personagens complexas que atravessam conflitos, tragédias e prazeres a partir dessa experiência. Como seu trabalho literário permite repensar a maternidade e a feminilidade hoje? Você faz um exercício intencional de colocar esses temas em questão?

ENTREVISTA – CARLA MADEIRA
Lais Barreto, Gabriella Murici e Gabriela Alkmin

R. Isso nunca foi uma intenção consciente. Eu não comecei a escrever pensando em questionar maternidade ou feminilidade. Mas todos nós somos seres sociais e políticos, vivendo numa sociedade violenta, machista e produtora de dores que atravessam a experiência individual de cada um. Não tem como estar fora disso. A gente está implicado o tempo todo.

Assim, a literatura, para mim, não precisa ter função utilitária. Ela não é manual de boas práticas, não é panfleto, não é ferramenta de correção moral. Ela pode ser o que quiser, porque nasce de um olhar particular sobre as possibilidades humanas, tanto as mais leves quanto as mais difíceis de encarar. A literatura toca nossas sombras e nossa luz. Ela existe para apalpar o que é possível na nossa condição humana. Não é a busca da verdade: é a busca da existência.

E só o fato de um livro gerar discussão já é valioso. Eu posso concordar ou discordar do que uma personagem faz, mas se a obra vira ocasião de conversa, já cumpriu algo importante. “Tudo é rio”, por exemplo, se tornou um livro polêmico, e é interessante que ele tenha se tornado polêmico. Não começou assim. Mas, de repente, as pessoas discutiam se havia romantização da violência, se era possível perdoar, o que significa perdoar, se perdoar é esquecer, se perdoar impede ou não de punir. São discussões riquíssimas. E isso acontece porque estamos conversando, porque a obra provoca sentido.

Na vida concreta precisamos produzir leis melhores, pactos civilizatórios melhores. A literatura não tem esse compromisso. A literatura permite entrar na cabeça do bem e do mal, olhar para aquilo que existe no mundo e tentar compreender. Às vezes o leitor descobre que uma personagem horrível não é só

horrível. Ele pode ter cometido algo monstruoso, mas não se reduz a isso.

Eu vivi algo assim visitando prisões masculinas e femininas com “Tudo é rio”, em rodas de leitura para remissão de pena. As mulheres eram muito jovens, tinham cometido crimes graves e, ainda assim, ao conversar sobre o livro, riam, falavam da Lucy, falavam delas. Ali, por um instante, ninguém lembrava da prisão. Saindo dali, a sensação era: elas não são só o crime que cometeram. Elas também têm camadas, contradições, delicadezas e durezas, como qualquer pessoa.

A literatura amplia a nossa humanidade. E se meus livros permitem repensar maternidade e feminilidade, é porque eles se abrem para essa complexidade, não porque eu tenha decidido levantar uma bandeira. É simplesmente porque olhar para a condição humana já é político.

5. Seus romances abordam relações humanas em profundidade, explorando amor, perda, violência e perdão. Há algum tema que você ainda não tenha explorado, mas que sente vontade de enfrentar?

R. Eu não parto muito dessa ideia de escolher um tema antes de escrever. As coisas vão surgindo. Mas já estou terminando meu quarto livro e percebo que alguns temas novos entraram, inclusive ligados a questões de gênero. Talvez isso aconteça também por uma experiência pessoal. Tenho uma filha de 25 anos que, mais ou menos aos 20, se descobriu lésbica, e esse processo dela acabou, de alguma forma, atravessando o livro. Não é o tema central, não é uma bandeira, mas está lá como uma das camadas.

Meus livros nunca têm uma única questão. Eles funcionam como a vida, como a

natureza, em que tudo acontece ao mesmo tempo. Nesse livro novo, por exemplo, há também a história de uma mãe que denuncia o próprio filho. São questões que se encontram e ganham sentido dentro do movimento da narrativa.

Outra coisa que entrou com força foi a ideia de vocação e de transformação. Como um menino de 17 anos que comete um erro enorme pode se tornar outra pessoa muitos anos depois. E como isso incomoda! Tenho certeza de que vai incomodar, porque o mundo tem essa dificuldade. O mundo gosta de colocar um rótulo e pronto, como se cada um tivesse que ser uma coisa só. Mas eu não aceito isso. Meus personagens não aceitam. Eles esperneiam. Eles estão vivos.

6. Seus livros estão sendo levados para outras mídias — os direitos de *Tudo é Rio* e *A Natureza da Mordida* foram vendidos, e *Véspera*, já filmada como série para a HBO Max. Como tem sido essa experiência de ver suas histórias migrando do papel para a tela? Há elementos que você acredita serem essenciais de preservar para que a essência emocional das obras permaneça viva?

R. A minha experiência com “Véspera” foi muito intensa. Entrei como consultora, mas acabei colocando a mão na massa mesmo, participando da escrita dos roteiros e vivendo um trabalho muito coletivo. Foi um grande aprendizado entender que, para adaptar um livro, você precisa lidar com recortes, fazer escolhas difíceis, enfrentar limitações de produção. Há coisas que são muito mais simples de imaginar do que de realizar cinematograficamente, e isso muda a forma de pensar a história.

Em “Tudo é Rio”, o processo ainda está numa etapa inicial de desenvolvimento, de

argumento e de roteiro. Mas já tive conversas importantes sobre o que considero essencial para que a adaptação funcione. Para mim, há certas coisas que, se não forem bem traduzidas, simplesmente não acontecem na tela.

Por exemplo, é fundamental ter compaixão pelas personagens. Ter desejo de contar aquela história, compreender os movimentos internos de Dalva. Entender essa mulher que, mesmo diante de uma violência enorme, não consegue ir embora, e permanece por um conjunto de motivos complexos. Se isso não for construído com cuidado, se a obra ganhar uma visão maniqueísta, a história perde sua alma. Não é sobre a santa e a puta. Não é sobre transformar Caim no bom e Abel no mau. Nada disso faz sentido dentro daquele universo.

O que me importa é preservar a complexidade. Ter coragem de não simplificar, de não fechar as respostas, de não transformar tudo em um filme que resolve os conflitos de forma limpa e definitiva. As escolhas de recorte são inevitáveis, porque não dá para contar tudo. Mas, ao fazer esses recortes, o essencial precisa permanecer: a abertura, a ambiguidade, a vida pulsando nos personagens.

7. Você é, atualmente, a escritora brasileira mais lida do país, com mais de 1 milhão de exemplares de livros vendidos. Como você lida com o público e as múltiplas interpretações que ele produz para suas histórias? Esse sucesso alterou sua relação com a escrita ou seu processo criativo?

R. Acho que a minha sorte é o quanto eu sou tomada pelo processo criativo. Uma vida inteira trabalhando com linguagens criativas me deu um treino muito grande para afastar os constrangimentos externos. Spinoza fala da

liberdade criativa como a ausência total de pressões, algo que só a natureza consegue realizar. A barata não está preocupada em ser mais bonita ou mais feia. Ela simplesmente é.

Eu tento trabalhar assim. Sei que nunca é possível eliminar completamente as interferências, sempre tem algo que atravessa a minha bolha, que invade o meu santuário. Mas, sinceramente, eu sou muito boa em deixar a maior parte dessas coisas do lado de fora. Quando estou criando, eu realmente consigo não me preocupar.

Isso não significa que eu lido bem com críticas. Elas me perturbam, já me perturbaram mais, mas ainda mexem comigo. Com o tempo, aprendi a distinguir a crítica que é honesta, que olha para o livro, da crítica que quer me atingir pessoalmente. A primeira, mesmo quando me irrita, sempre me dá algo. A gente pode discordar, achar que o crítico não entendeu nada, mas depois, no silêncio da madrugada, percebe que existe ali um ponto sensível, um lugar onde sabíamos que podíamos melhorar.

A detração é diferente. Quando a crítica não é sobre a obra, mas tenta me desqualificar ou desqualificar o leitor, me incomoda por outro motivo. Não é uma crítica ruim ao livro, é alguém sendo pequeno. E isso dá raiva. E a raiva desorganiza, rouba energia em vez de produzir energia.

Ao mesmo tempo, também preciso ter cuidado com elogios excessivos. Eles alimentam o ego e a vaidade, e nada disso ajuda quando você está escrevendo um livro novo. O livro anterior não ajuda, o aplauso não ajuda. Para criar, é preciso estar em outro lugar, longe dessa busca por aprovação.

Hoje mesmo conversei com um leitor muito querido, o Gustavo Jardim, que leu meu livro novo. Ele comentou um trecho que eu

acho lindíssimo, mas disse que não tinha a ver com o personagem. Eu entendi exatamente o que ele quis dizer. Doeu. Tem um ego ali que olha para o texto bonito e pensa: que pena tirar isso. Mas ele tinha razão. E é assim que o processo funciona.

Fechando a resposta: eu acho que desenvolvi uma facilidade real de entrar para dentro e deixar quase tudo do lado de fora quando estou criando. E isso, por sorte, não mudou com o sucesso. Acho que só se aprofundou.

8. Como egressa da UFMG, quais memórias e aprendizados da universidade ainda a acompanham? Há algo dessa vivência acadêmica que você leva para o seu ofício como escritora?

R. Eu carrego muito da universidade comigo. A vida universitária é uma das experiências mais incríveis que a gente pode ter, independentemente de ter encontrado professores ótimos ou ruins, de o curso ter sido mais ou menos. Quando estamos vivendo aquilo, temos um rigor enorme, exigimos muito, e é verdade que há problemas, claro. Mas, apesar disso, é um tempo absolutamente precioso na vida.

Guardo muitas memórias e muitas pessoas que conheci ali e que levo para sempre. Depois, ainda dei aula na universidade por três anos, então esse vínculo ficou ainda mais forte. Minha formação inteira passou por ali. Comecei na matemática, depois larguei tudo e fui para a comunicação. Fiz publicidade, jornalismo e relações públicas. Tudo na UFMG. E vivi o universo da comunicação de todos os lados.

Ser publicitária, jornalista, comunicadora, tudo isso me aproximou muito

ENTREVISTA – CARLA MADEIRA
Lais Barreto, Gabriella Murici e Gabriela Alkmin

do humano. Do comportamento, das maneiras de olhar e de traduzir o mundo. E isso me deu também uma relação muito firme com a linguagem. Não no sentido de dominar, que seria muita pretensão, mas de não ter medo da palavra. De confiar no processo criativo.

Na agência, muitas vezes estávamos no limite. Precisávamos apresentar uma campanha no dia seguinte e ainda não tínhamos a ideia finalizada. Mas, em quarenta anos de trabalho, eu sabia que ela viria. Sempre veio. Essa confiança me acompanha até hoje. Quando estou escrevendo, quando chego num ponto do livro em que acho que não consegui nada, eu paro e penso: calma. Vai vir. Eu durmo e acordo com respostas, com imagens, com ideias borbulhando.

Aprendi a confiar no corpo, no inconsciente, nesse lugar que continua trabalhando enquanto a gente descansa. E isso vale para tudo na vida. O ditado popular diz que o travesseiro é o melhor conselheiro, e é mesmo. Às vezes você dorme cheio de dúvidas e acorda vendo tudo com muita clareza.

No fim, isso me ensina uma coisa muito bonita: a gente tem uma capacidade enorme de se reinventar, de encontrar caminhos, de lidar com o que chega, de permanecer vivo. A universidade, de várias formas, me ajudou a descobrir isso.

REFERÊNCIAS

MADEIRA, Carla. **Tudo é Rio**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2025.

MADEIRA, Carla. **Véspera**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2025.

MADEIRA, Carla. **A Natureza da Mordida**.

2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2025.